

## ANÁLISE SEMIÓTICA DE UM TEXTO SINCRÉTICO

Eliane Aparecida Miqueletti<sup>1</sup> &

Tania Regina Montanha Toledo Scoparo<sup>2</sup>

### Introdução

A capa de revista é como uma espécie de vitrine para a apreciação e sedução do leitor. Por isso, em sua construção, o destinador procura estabelecer estratégias discursivas bem elaboradas que possam levar os destinatários a um determinado fazer – comprar a revista. Dessa forma, partindo da noção bakhtiniana de gêneros discursivos, aliada aos aportes teóricos fundamentais da semiótica greimasiana, neste trabalho, pretendemos apresentar os resultados da análise e da descrição do imbricamento de linguagens que fazem da capa de revista um gênero sincrético observado na publicação da Revista Veja, em 03/04/2013.

O objetivo dessa proposta de análise é o de demonstrar como a semiótica, de linha francesa, pode colaborar teórica e metodologicamente para a construção de um modelo didático que possa servir como referencial na elaboração de sequências didáticas com um gênero sincrético e, assim, contribuir para promoção do letramento multissemiótico (ROJO, 2009).

A teoria semiótica tem se preocupado com a educação, sobretudo a fim de intervir em sua relação com o texto não verbal, contemplando a formação do leitor reflexivo e crítico. Esperamos promover uma discussão sobre a importância do trabalho pedagógico com outras linguagens nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Básico.

### Considerações teóricas

Dentro dos estudos sobre os gêneros discursivos é de comum acordo que esses evoluem, surgem e se renovam, de acordo com as necessidades sociais, suas esferas de utilização. Na sociedade atual, verificamos que muitos gêneros têm adquirido novas “roupagens” aliadas, sobretudo, às novas tecnologias, sem falar nos novos gêneros ligados às esferas virtuais. Juntamente com essa mudança, alteram-se, também, as formas de comunicação social, pelos veículos midiáticos, as informações circulam cada vez de modo mais rápido e imbricando recursos expressivos diversos: verbal, visual, auditiva.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina/Londrina-PR.  
E-mail: [elianeletti@ibest.com.br](mailto:elianeletti@ibest.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina/UEL-PR. Professora do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP / *Campus* de Jacarezinho e da Secretaria Estadual da Educação do Paraná / SEED. E-mail: [taniascoparo@uol.com.br](mailto:taniascoparo@uol.com.br)

Nesse contexto, visualiza-se a construção das capas de revistas, apropriando-se de recursos modernos, elas revelam-se verdadeiras vitrines que misturam fotografia e texto verbal, estrategicamente escolhidos e organizados tendo em vista a persuasão acerca de determinados direcionamentos de informações. Envolve diretamente a relação entre a produção, circulação e recepção desse gênero discursivo.

As capas, tendo em vista uma perspectiva bakhtiniana, são vistos como enunciados concretos, construídos na relação dialógica entre enunciadore (a empresa/revista) e enunciatários (leitores), dentro de um contexto sócio histórico definido, como confirma a célebre definição de gênero: “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua [...], mas cada esfera da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...] que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Dessa forma, a linguagem é forma de interação e nos comunicamos por enunciados concretos, orais ou escritos, materializados via gêneros discursivos, dentro de alguma esfera de atividade humana.

É na interação que são escolhidos os três elementos constitutivos dos gêneros: a composição formal (integra basicamente a parte estrutural, buscamos no nosso conhecimento internalizado o seu reconhecimento), o conteúdo (varia de acordo com o tema abordado e deve ir ao encontro dos conhecimentos e das concepções do outro acerca de determinado assunto) e o estilo (comporta características próprias de cada gênero, mas também integra o estilo próprio de quem escreve, pode variar de acordo com o grau de proximidade e relacionamento entre locutor e destinatário) (BAKHTIN, 2000, p. 277-278).

Cabe atentar, ainda, para o fato de que Bakhtin dedica-se aos enunciados concretos, mas não deixa de considerar outras formas de manifestação expressiva:

Numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria *sígnica*. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística. (BAKHTIN, 2002, p.184)

Dentro disso, atualmente outras fontes teóricas permitem que nos dediquemos ao estudo dos gêneros que trabalham com as várias manifestações expressivas, como as que usam da linguagem verbo-visual, entre elas a Semiótica greimasiana. Essa teoria preocupa-se com a significação dos textos, como apresenta o Dicionário de Semiótica (s/d, p. 415): “[...] teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido [...]”, tem como discurso fundador o lançamento do livro

“Semântica Estrutural”, em 1966, de Algirdas Julien Greimas, estudioso que desenvolveu uma metodologia – a que ele denominou de percurso gerativo de sentido – capaz de analisar qualquer texto.

O percurso greimasiano é construído ao longo de dois patamares: no âmbito do conteúdo, têm-se as estruturas semionarrativas compostas pelo nível fundamental – parte mais simples e abstrata, na qual se localizam as oposições semânticas que fundam de forma mais geral os conteúdos do texto – e pelo nível narrativo – no qual se observa o texto enquanto narrativa enriquecida com os sujeitos e objetos que compõem a trama do discurso. No outro patamar estão as estruturas discursivas, que compõem o nível discursivo, ele recobre as estruturas narrativas abstratas, a partir de temas e figuras, além de compreender as projeções da enunciação no enunciado (tempo, espaço e pessoa), e as estratégias que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário acerca da sua verdade.

A semiótica greimasiana é uma teoria do texto: um “todo de sentido” composto pelo plano de conteúdo, parte inteligível na qual se aplica o percurso gerativo de sentido e plano de expressão, parte sensível, forma de apresentação do conteúdo que pode ocorrer na forma verbal, não verbal ou sincrética. O estudo sobre os textos sincréticos dentro dessa perspectiva teórica é recente e ainda aberta a algumas adaptações, atualmente é estudado, sobretudo, dentro de preocupações relacionadas à criação de modelos metodológicos adequados para cada materialidade textual.

Os textos sincréticos são entendidos como formas textuais que integram visual e verbal na mesma enunciação como ocorre nas capas de revistas. Sobre isso, Discini (2005, p. 57) afirma: “no plano de conteúdo estão as vozes em diálogo, está o discurso. No plano da expressão está a manifestação do sentido imanente, feita por meio da linguagem sincrética, que integra o visual e o verbal sob uma única enunciação”.

Inicialmente, Greimas e Courtés (s/d, p. 426) definem as semióticas sincréticas como aquelas que: “[...] como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo lingüístico: inclui igualmente paralingüísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolingüísticos, etc.” Em síntese, observa-se a convergência de diferentes linguagens no trabalho de construção de determinado efeito de sentido.

Teixeira (2009, p.48), a partir de algumas afirmações realizadas por Floch, lembra que é preciso que se parta da análise do plano de conteúdo para depois observar as correspondências no plano de expressão, mas de forma geral ela deixa claro que o que importa é o efeito do todo de sentido “[...] a investigação pode examinar a qualidade própria de cada unidade ou grandeza, mas

deve analisar, fundamentalmente, a estratégia enunciativa que sincretiza as linguagens numa unidade formal de sentido.” (TEIXEIRA, 2009, p.58).

Cabe atentar, ainda, que esses gêneros exigem leitores aptos a captar nas diversas formas de construção expressiva, os sentidos intencionalmente construídos. Textos multimodais, pois integram as modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não verbal; textos multissemióticos, já que exploram um conjunto de signos/linguagens “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita” (ROJO, 2009, p. 107).

Intervém nessas discussões o conceito de letramento. O termo surge e sofre modificações, diante das constantes necessidades sociais, mas de um modo geral é retomado na relação com o conceito de alfabetização, em síntese, como destaca Soares (2001, p. 47), a alfabetização é a “ação de ensinar a ler e a escrever”, já o letramento caracteriza-se como o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita.” Na relação entre esses dois conceitos diferentes, mas não opostos, Soares (2003) lembra que se aprende a técnica (codificar e decodificar), mas também, a utilizar tais saberes nas mais variadas práticas sociais, ambos devem ocorrer simultaneamente.

Nesse contexto, Rojo (2009; 2012), a partir dos estudos do Grupo de Nova Londres (GNL), pioneiro nos estudos sobre a “pedagogia dos multiletramentos”, fala da diferença entre o conceito de “letramentos múltiplos” que envolve a variedade de práticas letradas, e o de multiletramentos, este tem em vista a diversidade de práticas culturais e sociais de leitura e escrita na atualidade, ou melhor, “[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2012, p.13), essas, conseqüentemente, exigem diferentes formas de utilização da leitura e da escrita dentro e fora da escola. Dentro disso, os “letramentos críticos”, são “requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada” (ROJO, 2009, p.108).

Dessa forma, ter em vista que hoje o ensino de leitura envolve auxiliar o aluno a perceber que há textos que manuseiam as informações não só no verbal, mas, também a partir de recursos visuais como fotografias, cores, tipos e tamanhos de letras que ajudam na construção dos sentidos. A escola é vista como um agente de letramento e precisa criar condições para isso. Dessa forma, pensar modelos de análise, via Semiótica greimasiana, pode contribuir teórica e metodologicamente para a construção de um modelo didático que possa servir como referencial na elaboração de uma seqüência didática com um gênero sincrético e, assim, contribuir para promoção do letramento multissemiótico (ROJO, 2009).

Vejam os a seguir uma proposta de análise de capa de revista e a construção de uma sequência didática para sua aplicação em sala de aula.

### **Análise e construção de proposta didática: o gênero capa e a construção de sentidos**

Não pretendemos construir um modelo fechado de análise e sequência didática, mas apresentar uma possibilidade utilizando-se da Semiótica greimasiana que pode ser adaptada de acordo com cada realidade educativa, além de estimular outras criações para o desenvolvimento da leitura em sala de aula.

O gênero escolhido é a capa de revista da Revista Veja, do dia 03/04/2013:

Figura 1 – Capa da revista Veja. Novas regras trabalhistas para empregadas domésticas

A mídia, e nesse texto especificamente as revistas semanais, como a Veja, constituem-se em objetos culturais e enquanto tais trazem para a visibilidade do público leitor a disseminação de determinadas imagens, ideias sobre assuntos que estão inseridos num contexto de discussão social. Dentro disso, as capas são estrategicamente compostas na relação entre o plano de conteúdo e o de expressão, a partir da escolha de recursos verbais e visuais, ou seja, verbovisuais.

Dessa forma, procuramos construir uma sequência metodológica partindo dos aportes teóricos apresentados no tópico acima e em algumas considerações realizadas por Teixeira (2009) ao propor uma metodologia para a análise de textos sincréticos, entre eles, os que trabalham com os recursos verbovisuais. Como afirma a autora “A análise começa sempre pelo mais simples e aparente: a observação minuciosa, a descrição exhaustiva. Em seguida, procura identificar a estratégia metodológica mais rendosa, definir categorias e examinar procedimentos” (TEIXEIRA, 2009, p.61). Vejamos:

a) organização de temas e figuras: analisa-se neste momento a presença dos temas (categorias que organizam os elementos do mundo em conceitos) e das figuras (termos que se ancoram em algo do mundo natural para representar os temas) que compõem o todo de sentido da capa. Ao olhar a capa da revista em análise, o leitor tem acesso, sobretudo, ao tema do “trabalho doméstico” esse é recoberto, na parte visual, pelas figuras que compõem a imagem de um homem de meia idade que toma a quase total dimensão da capa: o homem está bem vestido, camisa de manga longa e gravata, mas veste, nesse momento da enunciação, um avental, uma toalha no ombro e realiza o fazer de lavar a louça, adereços de “empregado doméstico”. O símbolo masculino parece destoar da cena enunciativa, tendo em vista que normalmente essa tarefa doméstica é enquadrada ao

sexo feminino, a expressão do rosto do homem confirma a aparente desconforto/descontentamento, em realizar a atividade, dessa forma, submerso há o tema da masculinidade.

Na parte verbal, o ponto de vista temático é confirmado e/ou reafirmado, no enunciado “Você amanhã” a chamada imperativa do leitor no uso do pronome de tratamento “Você” juntamente com o advérbio de tempo “amanhã” lança a perspectiva para o futuro, escritas na cor branca assim como a toalha no ombro do homem, sob um fundo cinza, chama a atenção como informação principal, aliada ao enunciado na parte inferior da página “Guia completo”. Além disso, é evidente a composição da frase imperativa com o nome da revista disposta próxima da frase acima e preenchida pela cor vinho, a mesma usada no avental que veste o homem da imagem, torna-se parte do enunciado aos olhos do leitor e constrói: “Veja você amanhã”. Essa composição argumentativa instiga o leitor a ler a continuidade da parte verbal e a se interessar em comprar a revista, ter acesso às informações da matéria, já que a lei afetará o seu futuro.

É possível realizar uma rápida observação acerca de alguns elementos que perfazem o nível narrativo: o homem da capa representa o actante “homens que também precisaram dividir as tarefas domésticas tendo em vista as novas leis trabalhistas para as empregadas”, isso fica implícito no enunciado “As novas regras trabalhistas das empregadas são um marco civilizatório para o Brasil – e um sinal de que em breve as tarefas domésticas serão divididas entre toda a família” O uso do feminino em “empregadas” impõe a afirmativa de que essa profissão só seja realizada por mulheres, o que sabemos não ser totalmente verdade, mas sim a maioria. Essa informação contrasta então com a presença masculina da imagem, o homem lavando a louça, ou seja, “até ele” terá de dividir as tarefas de casa com a família; pois as novas regras determinam, entre outras questões, períodos de descanso e carga horária máxima para as empregadas domésticas.

b) aspectos do plano de expressão visual: nesse ponto, a atenção se volta para as categorias do plano de expressão a partir da composição cromáticas (cores, tonalidades, graus de saturação, ritmo), eidéticas (formas, diferentes tipos de simetria, perspectiva), topológicas (distribuição das formas no espaço, alto, baixo, direção, formato). Algumas noções já foram dadas na análise da organização dos temas e figuras.

No que se refere ao aspecto topológico, notamos que a figura do homem fazendo o “trabalho doméstico” está à esquerda da capa; e à direita, o conteúdo verbal principal desta edição. Nessa publicação, o destaque está na imagem, uma vez que ela ocupa verticalmente grande parte do espaço da revista e que, aos olhos do leitor, prende o foco de cima para baixo, o que está em cima, a expressão do homem, é o mais importante, mas também é destaque o que está na parte inferior esquerda, tendo em vista como aponta Donis (2007, p.39) que “[...] o olho favorece a zona inferior esquerda de qualquer campo visual”. Verticalmente também está disposto o texto ao lado, mas num

enfoque do meio para baixo da página o que conduz para um olhar mais inferior em relação às informações dadas pela imagem. Dessa forma, a informação da presença do “guia completo” na reportagem fica na parte inferior, próximo a pia.

Na composição cromática, destacam-se os tons de cinza que perfaz o fundo da figura e a sombra na camisa do homem, na toalha, no prato e na pia. Contrastando com essa “nulidade” o branco surge como destaque de dois elementos que representam a temática trabalhada: a toalha no ombro e o prato em suas mãos reforçam os aparatos para o trabalho doméstico, efeito que é completado no destaque dado aos principais enunciados verbais “Você amanhã” e “Guia completo”, também na cor branca. Dessa forma, a cor cinza imprime não apenas a neutralidade dos elementos que tinge, mas, sobretudo impulsiona o destaque dado às outras cores envolvidas na composição, entre elas o verde e o amarelo da esponja, remetendo a nacionalidade brasileira em que se situa a discussão, e o vinho que aparece no nome da revista e no avental usado pelo homem, este também compondo os aparatos domésticos.

Os elementos tipográficos coloridos iniciam a figura masculina para uma vida mais “feminina” na nova conjuntura social. É pertinente destacar que o elemento tipográfico colorido, tom mais forte, o vinho, contrasta com a imagem branca e cinza. Isso remete ao cromatismo ausente vs presente, relacionados às cores branco, cinza e vinho respectivamente. A cor mais forte, o vinho, chama mais atenção, cor mais presente, e é bem elaborada artisticamente pela junção da palavra no conteúdo verbal “Veja”, que também é o nome da revista, e o avental, no visual, cobrindo o corpo do homem. Assim, tem-se o revestimento figurativo verbal e visual que diretamente associa-se à significação do conteúdo temático da capa: o homem está fazendo (fará) trabalho doméstico, dividindo essa tarefa com a mulher.

Em síntese, as cores utilizadas na imagem aliadas ao verbal representam a condição do homem que está passando por uma transformação na sociedade contemporânea: da condição de único provedor do lar, tenta se adequar a nova realidade que envolve a ausência de domésticas tendo em vista as novas condições e custos impostos pelas regras trabalhistas brasileiras e, conseqüentemente, a ajuda nas atividades domésticas.

No que se refere ao componente eidético, há predominância de linhas retas, as quais compõem a figura do homem; as curvas aparecem explicitamente no prato na mão do homem, e por pressuposição lógica na inclinação do homem para lavar a louça, representando o tema do “trabalho doméstico” já mencionado na organização dos temas e figuras.

A linha que configura a imagem do homem se destaca na verticalidade. Na nossa cultura, temos a visão de que o homem é mais forte, dominador e isso se disseminou desde a Pré-História na nossa civilização. O estereótipo criado para a figura do homem coaduna com uma imagem sempre

ereta, na vertical. No entanto, na imagem da revista percebe-se que ele está levemente curvado para fazer o serviço doméstico. Essa inclinação é reveladora para o sentido do texto, uma vez que o homem pode ser mais forte que a mulher em alguns aspectos, principalmente no físico, porém, na contemporaneidade, ele está se curvando à emancipação civilizatória, como confirma o conteúdo verbal do texto: “As novas regras trabalhistas das empregadas são um marco civilizatório para o Brasil”.

Uma segunda categoria semântica pode emanar dessa imagem: masculinidade e feminilidade. Assim essa categoria emerge da imagem visual para confirmar o que está no verbal “em breve as tarefas domésticas serão divididas entre toda a família” e entre essa família está o homem, como confirma a imagem visual. Esses termos definem-se pela presença e ausência de um dado traço, como por exemplo, /masculinidade/ x /não masculinidade, sendo que /não masculinidade/ implica /feminilidade/. Isso não significa que há ausência de masculinidade (ou de feminilidade), mas é simplesmente uma marca semântica específica que se sobressai na imagem em análise. Sendo assim, na configuração eidética, opõem-se as categorias verticalidade / inclinação e masculinidade / feminilidade na imagem principal da revista.

c) relação entre conteúdo e expressão: a partir das observações já realizadas nas análises anteriores, é possível estabelecer relações entre o plano de conteúdo e de expressão;

d) estratégias enunciativas: nesse contexto, é possível, ainda, observar, no que se refere ao aspecto discursivo, as manifestações dos actantes investidos como “eu” e “tu”, atores da cena enunciativa. Enunciação entendida pela semiótica Greimasiana como o ato de realização do enunciado. Fiorin (2008) explica que a enunciação é a instância do *ego-hic-nunc*, ou seja, eu-aqui-agora. Esses três elementos caracterizam as categorias da enunciação e são chamados de dêiticos, pois indicam as pessoas, o tempo e o espaço da situação de enunciação.

Conforme Fiorin (2008, p. 78), “O mecanismo básico com que se instauram no texto pessoas, tempos e espaços é a *debreagem*”, que pode ser de dois tipos, enunciativa: quando projeta no enunciado o eu-aqui-agora e produz um efeito de subjetividade; e enunciva: ao construir o elemento-lá, e nesse caso, “ocultam-se os actantes, os espaços e os tempos da enunciação”, produzindo um efeito de objetividade.

Nesse sentido, reafirmando o que já foi dito na análise sêmio-narrativa do gênero capa de revista, observa-se que ao produzir o discurso, o enunciador deixou marcas no interior do enunciado para realizar um fazer persuasivo, manipulador, procurando fazer com que o enunciatário (“você”) aceite o que ele está dizendo; e por outro lado, o enunciatário realiza um fazer interpretativo, para se concretizar a produção de sentido do texto. Há a projeção pressuposta de uma pessoa “eu”, enunciador manipulador Revista Veja, um tempo (agora – abril/2013), e um espaço (aqui - Brasil).



Operou-se uma debreagem enunciativa (na enunciação: eu digo “veja você amanhã” por pressuposição lógica). A debreagem temporal assim se articulou no enunciado, conforme esquema apresentado por Fiorin (1998, p. 42).

Nesse texto, portanto, o enunciador usou de elementos linguísticos, os dêiticos temporais adverbiais – já, amanhã; e os verbais – são, serão, para produzir o efeito de sentido pretendido, ou seja, o que muda já na nova lei do trabalho doméstico e o que ainda falta definir. Na enunciação, o efeito de sentido produzido pelo enunciador do texto foi de subjetividade, mesmo não estando no interior do texto em forma de um “eu” projetado. É bom ressaltar que esse “eu”, revista Veja, e o “você”, leitores, são imagens que se têm deles, não são seres do mundo real. São imagens criadas pelo texto.

De maneira geral, verificamos que as marcas de atorialidade, espacialidade e temporalidade também delimitam a sensibilidade e a cognição do ator em seu fazer persuasivo as quais estão demarcadas na expressão e no conteúdo da enunciação, conforme explana Oliveira (2009, p. 132):

Na plástica sincrética, **que é nosso objeto de análise**, que materializa as escolhas da enunciação para organizar o enunciado, ao lado da concretização das marcas de actorização, temporalidade e espacialidade, estariam incrustadas nas caracterizações do ator as suas condições estéticas que o movem por mecanismos somáticos e intersomáticos de apreensão do sentido com o seu corpo e os sentidos (grifo nosso).

A sugestão que há nos recursos de expressão e nos elementos figurativos dialoga com um sujeito (leitor) com capacidade de refletir sobre a situação atual das novas regras trabalhistas das empregadas domésticas e ao mesmo tempo, como já explanado acima, de sentir o efeito passional dessa informação na sua vida particular, no aqui e agora. O desconforto do homem em fazer o trabalho doméstico, sua mutação para se adequar à contemporaneidade, sua iniciação para uma nova realidade, seu fazer-ser na enunciação, enfim, “todos esses sentidos estão, mais do que na figura que concretiza o personagem, nos elementos expressivos que emolduram sua inserção na história” (grifo nosso) (TEIXEIRA, 2009, p. 75).

Por fim, no texto aqui analisado, a concretização é a da figura do homem contemporâneo. Há uma empatia pela figura do homem na imagem da revista por ter todos esses elementos atribuídos a ele na construção do sentido da cena enunciativa. Esse representa todos os futuros sujeitos que também terão que se emancipar e sofrer mutações para viver dentro do atual contexto histórico advindo das novas regras trabalhistas.

## Considerações finais

A análise apresentada constitui-se num exemplo de uso de alguns princípios da Semiótica Greimasiana para auxiliar no trabalho com a leitura de gêneros multimodais e/ou sincréticos em sala de aula. Partir da observação de elementos simples e ir complexificando de acordo com a maturidade de leitura de cada realidade escolar: turma, ano/série, idade.

Nesse sentido, a intenção é refletir sobre o seguinte aspecto: é preciso trabalhar com o aluno a leitura de textos multimodais, o olhar “desconfiadamente” para esses textos e, aos poucos, melhorar suas habilidades de leitura crítica frente ao mundo de construções verbovisuais que nos impõem atitudes leituras diferenciadas e atentas as estratégias implicadas.

A análise que parte de um modelo estrutural pretende pensar numa investigação que procura sistematizar algumas habilidades de leitura e análise linguística que devem ser de conhecimento dos alunos, aliado às influências do contexto sociocultural em que os enunciados/textos estão inseridos. A análise realizada neste artigo, por exemplo, levam-nos a confirmar que as escolhas verbais e visuais, suas formas de organização na capa, permitem ler a não satisfação do homem diante das tarefas do lar que sobraram para ele tendo em vista que agora as empregadas domésticas terão, entre outros, o direito de cumprir as oito horas semanais, isso representa no final das contas: menos tempo, do que era considerado normal, da empregada na casa e maior custo para as famílias que, para economizar, terão de dividir tarefas

Dessa forma, a sequência de análise apresentada, pode ser seguida num exercício oral com os alunos e a partir de exercícios escritos de fixação que possam ampliar para outros gêneros que abordem a mesma temática. Assim como, a posterior leitura da reportagem no interior da revista ou a comparação do mesmo tema publicado em outras capas, propostas de trabalho com a leitura que, certamente, ampliaria o repertório dos alunos.

## Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da poética em Dostoiévski*. (Trad. Paulo Bezerra), 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

DISCINI, N. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *Semiótica e comunicação*. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

DONIS, A. D. *Sintaxe da linguagem visual*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s/d.

OLIVEIRA, A. C. A plástica sensível: da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, L.(orgs). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das letras e cores, 2009.

ROJO, R. *Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola*. In: ROJO, R.; MOURA, E.(orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 7-31.

\_\_\_\_\_. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão. V. 9, n. 52, p. 15-21, jul./ago. 2003.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

TEIXEIRA, L. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, L.(orgs). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das letras e cores, 2009.

Veja. São Paulo: Ed. 2315, n. 14, 03 abril, 2013.